SAUDADES DO FUTURO
um conto de WALID HAJAR RACHEDI

EPISÓDIO 1 – VILA KENNEDY

Izadora não se lembra quantos anos tinha quando viu o mar pela primeira vez. Seis ou sete anos. Um dia de verão em meados dos anos 90. Mas ela se lembra muito bem desse deslumbramento intenso, infinito. Do sol que ela sorveu. Com seus olhos ou lábios. Ela já não sabe mais. Acreditava que conhecia esse sol carioca… Ela só conhecia o seu lado vingativo. Sua encosta Oeste. Aquele que bate no asfalto e nas cabeças, te morde sem remorso de novembro a fevereiro, te sufoca naqueles longos trajetos de ônibus pela Avenida Brasil… Seu lado mais brando, encosta Sul, ela descobriu naquele dia: ele se guarda para aqueles corpos flexíveis, dourados, triunfantes de vida, estendidos sobre essas faixas brancas, Copacabana, Ipanema… Que Izadora pisa timidamente com seus pés cor de caramelo.

— *É açúcar?*

Com a pergunta, seu pai riu uma risada poderosa, quase tão intensa e infinita quanto o sol que ela não conseguia parar de beber. *Mas não, é areia, minha princesa pretinha! A areia mais bonita do mundo, a da nossa maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.* Com sua cerveja Brahma fora do *cooler*, ele é agora o homem mais feliz do mundo. Quase se permite a nostalgia: *Quando tinha a sua idade, eu morava aqui perto, você sabe... Com os amigos, descíamos o morro aos domingos para nos banhar. E então, todos tivemos que nos mudar. Depois do incêndio.*

Sua mãe está ocupada demais montando o que parece ser um acampamento para se entregar à maravilha. Nesse território, enquanto ela não tiver delimitado seu espaço, enquanto suas filhas não estiverem como convém – cabelo, roupa de banho, o som de suas vozes… sem mostrar nada a mais, nada a menos – a mãe sentirá um certo mal-estar, meio cercada. Ela vai manter em seus ouvidos o zumbido dessas observações que lemos num olhar, num sorriso muito profundo. Como aqueles das donas de casa da Zona Sul que sempre criticam a forma como a mãe de Izadora exerce suas funções de empregada.

Sua irmã, Fabiana, com sua falsa confiança de adolescente impetuosa da Vila Kennedy, domina a praia com um único olhar, despreza aqueles para quem é óbvio estar aqui, abranda a

mãe em seu ardor de conformidade, tempera o entusiasmo do pai com um pop brasileiro que flerta com o funk da favela:

Rio 40 graus / Cidade maravilha / Purgatório da beleza / E do caos

Sim, Izadora quer beber todo o sol daquele dia. E todo o mar também. Seus pais estão morrendo de medo. Escapando de sua vigilância por um momento, o caos prevalecerá sobre a beleza. Fabiana mergulha sem pensar, pescando-a do fundo da água. Faz com que ela cuspa todo o sal do mar e de sua inocência. Ninguém lhe tirará sua irmã.

***

Abril de 2009. Já faz muito tempo que Izadora não é mais uma criança.
Ela acabou de fazer 21 anos.
Mas ainda hoje, ela gostaria de beber todo o sol da encosta Sul.
Último dia de vestibular, provas finais de admissão para essa renomada universidade da Zona Sul, é agora ou nunca... Dessa vez, tem que dar certo.
Foco. Força. Fé. Foco. Força. Fé.
Ela está se preparando para isso há três anos.
Acompanhou o curso de pré-vestibular comunitário do Professor Costa, acumulou noites sem dormir estudando, trabalhou em empregos mal pagos para economizar dinheiro, preencheu todos os formulários possíveis para bolsa de estudos, enviou todas as justificativas... – É uma loucura a quantidade de papéis que devem ser preenchidos para provar o que as pessoas não param de jogar na sua cara… E as festas? Desistiu de inúmeras festas, oportunidades de diversão, rapazes com bocas bonitas, sem falar no resto…
Mas agora ela está de volta ao ponto de partida: está presa na encosta Oeste.
Ontem o Rio chorou todas as lágrimas de seu corpo. Casas desabaram nas colinas da Zona Oeste, da Zona Norte.
Alguns perderam tudo. Seus pertences, a vida.
Izadora não dormiu a noite toda, o barulho da chuva em seu telhado de zinco, explosões quase tão assustadoras quanto o eco daqueles tiroteios em que soldados adolescentes magros como as solas de suas Havaianas disputam o domínio de um território, de um negócio, de um meio de sobrevivência…

De manhãzinha, as paredes ainda estão lá.

De sua janela, o espetáculo irreal de um barco. Os bombeiros se amontoam nele. Ela percorre as ruas da favela Vila Kennedy. Rua Zâmbia, Rua Sudão, Rua Congo, Rua Camarões… A África não é mais apenas um lugar fictício ligado a nomes de ruas, pois invadiu seu bairro na forma de pequenos rios vermelhos e lamacentos.

Tão indesejável a África.

Uma associação mental extraída das reportagens que acompanhamos nos intervalos comerciais durante o Domingão do Faustão e outros programas deliciosamente entorpecentes, fez a sua mãe dizer, com voz ingênua: "Não estamos indo tão mal aqui, afinal... Deus abençoe o Brasil", e Fabiana, responder secamente: "Na frente da TV deles, bem ali, talvez digam a mesma coisa de nós..."

Dos pequenos rios vermelhos que dão forma à outra parte de suas angústias: o tráfego de ônibus é muito complicado na Zona Oeste. Há engarrafamentos de trânsito monstruosos onde os carros podem circular.

Izadora sente sua respiração ficar curta, uma linha de dor se estendendo da testa até a nuca.

Morrer. Por um momento, ela gostaria de morrer. Só por um momento. Morrer para não mais ter que pensar.

Foco.
Força.
Fé.

Foco.
Força.
Fé.

Foco.
Força.
Fé.

Foco.
Força.
Fé.

Ela repete compulsivamente para não entrar em pânico.

Na parede da sala, uma foto de seu falecido pai tenta tranquilizá-la. No quarto, sua mãe murmura bênçãos. Jesus pode tudo, creia nele. Na tela do celular, Fabiana não espera por ele.

Como ontem, ela traça um plano para tirá-la da água: “Te encontro na Praça Miami, em frente à estátua”.
Mas como descer a rua sem acabar com as pernas encharcadas? Ela mal tem tempo de se perguntar quando batem na porta. É a vizinha: “Fabiana me falou que você ia precisar disso...” O marido dela é gari. Ela lhe entrega um par de botas de plástico, que ele mantém de reserva. Izadora fica confusa ao agradecer. A vizinha a repreende gentilmente: “É Deus quem dá”.
Ela as coloca como pernas de pau, consegue descer a rua sem cair.
Abaixo, uma voz masculina zomba:
– Patricinha Kennedy… Que abordagem, um verdadeiro desfile! Onde você vai assim, para a universidade ou para a *fashion week?*
– Edilson, o que está fazendo aqui?

O jovem vestindo uma camiseta de futebol vermelha e preta – Flamengo, é claro – com um sorriso tão largo quanto seus ombros, retruca:
– O que você acha? É sua irmã e sua cabeça dura. Ela não pôde vir… Me mandou… E a van do meu tio também! Parece que ela nunca ouviu um “não” na vida!

O bom humor de Edilson é contagiante. Izadora sente sua dor de cabeça dissipar. Eles caminham em direção ao veículo. No centro da praça atrás da qual Edilson estacionou, ergue-se sobre um monte de concreto, no meio de uma quadra, a Estátua da Liberdade, réplica de sua prima nova-iorquina. Um recinto dentro de um recinto. Com o vestido coberto de grafite, ela parece mais triste nesse dia chuvoso. Izadora para por um instante. Edilson, dando um grande golpe na cerca para tirá-la do devaneio, comenta, zombando:
– Colocaram barras ainda mais altas, ficaram com medo que ela fugisse também!
Izadora sorri como única resposta.

Ela se lembra daquele dia, há três anos, em que caminhou pelo bairro com o Professor Costa e os outros alunos do pré-vestibular, como se o estivesse descobrindo pela primeira vez. O doutorando em História que iniciou o programa para ajudar os jovens da comunidade a ter acesso à universidade, bem antes das políticas institucionalizadas pelo governo Lula, fez questão de contar a história do bairro. Dizia a lenda que esse doutorando de trinta anos, filho de serventes emigrados do Nordeste, havia aprendido a ler só. Como uma espécie de Cristóvão Colombo que descobriu um novo continente de conhecimento remando sozinho.

Foi Fabiana quem lhe contou isto no tom de um conto. O professor foi de fato a única pessoa de quem sua irmã havia falado com tanta devoção. Uma figura tutelar que inspirou Fabiana em sua vocação de professora e em seus diversos compromissos na comunidade. Mesmo Jesus não tinha direito a tais favores. Sua mãe desconfiava dele. *Ele não acredita em nada além de si mesmo*, disse ela. Ela teria preferido que sua ação fosse supervisionada pela paróquia do Pastor Eraldo. Mas enfim… Ela não podia negar a eficácia de seus métodos: Fabiana foi a primeira pessoa da família a ter diploma de universidade. Deus entenderia.

Em frente à Estátua da Liberdade, o professor perguntou aos estudantes se eles sabiam por que seu bairro se chamava "Vila Kennedy". Silêncio na plateia. *Todo lugar tem uma história, não sabermos de onde viemos, é renunciar à metade de quem somos.* Sua apresentação estava repleta de tais máximas que Izadora se perguntou se o professor as havia inventado ou se as tirou de um livro... Então ela soube que seu bairro havia ganhado esse nome em homenagem ao então presidente americano, John Fitzgerald Kennedy, morto dois meses antes da inauguração. *Ele foi assassinado em seu carro*, comenta um dos estudantes que aparentemente ouviu falar dele em um filme sobre uma loira bonita, uma estrela... No contexto da Guerra Fria, após a revolução cubana, seu programa "Aliança para o Progresso" teria sido lançado para financiar vários projetos na América Latina com o objetivo de "frear o avanço do comunismo".

Ao tom do professor, Izadora não soube dizer se considerava aquilo como uma coisa boa ou ruim… Enfim, o certo é que o governador do Estado, Carlos Lacerda, considera a operação um grande sucesso: 5.509 unidades habitacionais com água potável, luz e esgoto, ruas, praça… *Um verdadeiro luxo,* avaliou, para os ex-moradores das favelas da Zona Sul. Aos espíritos tristes que argumentavam que os moradores haviam sido despejados à força, e que a localização – duas horas e meia de transporte do centro da cidade – arriscaria dificultar o seu dia a dia, o governador retrucou: *Este é apenas o começo… Amanhã, até os moradores do Leblon e de Ipanema vão querer morar aqui!* Em breve, prometeu, haverá um centro de artesanato e serviços comunitários, explorações agrícolas, uma fábrica de têxteis, uma padaria, escolas, uma creche, quadras de esporte, um cinema… e até uma piscina!

Para entender, em 20 de janeiro de 1964, era Carnaval fora de época.

Na euforia, para completar a homenagem, o governador pensou em ter um busto do presidente americano, Abraham Lincoln, esculpido e colocado na praça central, que seria chamada de Praça Miami. Mas ele encontraria algo melhor: no jardim da família Paranhos, ricos proprietários de terras da Zona Sul, estava uma réplica em miniatura da Estátua da

Liberdade feita pela mão do escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi – encomenda dos Paranhos para comemorar o décimo ano da proclamação da República do Brasil.

Quando os técnicos americanos voltaram dois anos depois, em 1966, descobriram que nenhuma das obras prometidas havia sido realizada… e que, embora a estátua ainda estivesse na Praça Miami, o ideal da democracia e da liberdade que ela simbolizava não era mais válido: os militares derrubaram a República… "para frear o avanço do comunismo". Dessa vez, Izadora não teve muitas dúvidas sobre a opinião do Professor Costa.

A ditadura durou até 1985. A República voltou. A manutenção do grande complexo não mudou: no meio da Avenida Brasil, instalada na van, os ouvidos cheios de putaquepariu de Edilson – praguejando contra o fluxo de carros que não andam, contra o destino, sobretudo – mãos tensas sobre os joelhos, o mar nunca pareceu tão distante para Izadora.

A possibilidade de outro futuro também.

EPISÓDIO 2 – CORRA, IZA, CORRA

48 minutos. Esse é o tempo que resta para Izadora chegar à sala de exame.
A Avenida Brasil é seguida pela via expressa, *Linha vermelha*, que segue ao longo do mar para descer em direção à encosta Sul da cidade, mas o trânsito ainda é muito lento na pista molhada. Por mais que Edilson buzine, nada adianta. Ele liga o rádio em busca de distração. Jorge Ben Jor arrasta sua voz rouca ao longo de um samba triste:

Chove Chuva / Chove Sem Parar

Se parou de chover, o céu ainda está cheio daquelas nuvens com as quais o Rio de Janeiro nunca sabe o que fazer. O Rio é uma cidade feita para o sol, como algumas pessoas são feitas para a alegria. Fora dessas condições, eles perambulam, perdidos. A cidade tem mil distrações, só o sol lhes dá uma razão de ser.
À sua esquerda, do outro lado da faixa de água, na Ilha do Governador, está o Aeroporto Internacional do Rio, *Galeão.* Izadora observa os aviões decolarem, insolentes.

– Deixa pra lá, nunca vamos chegar lá, murmura ela.
– O quê? Claro que sim, chegaremos lá! Talvez com um pouco de atraso, mas chegaremos.
– Se você chegar após quinze minutos do início da prova, eles não te deixam entrar.
– E assim, sem mais nem menos, você quer desistir… Três anos que você se prepara para essa prova, e agora que finalmente se qualificou para a segunda fase… E além disso, na melhor universidade…
– E com uma bolsa integral…
– E você quer desistir… Vou te levar é para um hospício, minha filha!
– Mas não, não vou desistir… Estou apenas cansada de toda essa pressão. O tempo todo.
– Eu não quero ouvir… Cansada você estará amanhã! Hoje você vai para aquela maldita prova e vai passar!
Izadora passa as mãos em suas tranças, bufando alto. Edilson, em seu ímpeto:
– O que faz, você faz para você. Primeiro para você. Mas você também faz isso por nós. Para todos nós. Você sabe disso, hein? Sabe que isso é importante?
– Eu sei disso. Sei bem demais. Fabiana não cansa de me repetir: Abrimos o caminho.
– Então, vá em frente! Abra o caminho! *Foco. Força. Fé.*

Os olhos de Edilson faíscam fogo. O veículo dividiria o fluxo de carros em dois, como Moisés separando as águas, se dependesse apenas de sua força de vontade.

Foco.

Força.

Fé.

Izadora repete esse mantra para si mesma. Seu coração apertou ao pensar em decepcionar aqueles que depositavam tanta esperança nela. Sente seu celular vibrar na sua bolsa. Ela deixa tocar, incapaz de atender as chamadas de sua mãe, sua irmã. Finalmente envia uma mensagem de texto: "Estou a caminho", sem ter certeza de quem é. Fabiana, Edilson, sua mãe. Sua trindade.

Perto do estádio do Maracanã, Edilson sai da via principal para entrar nas ruas acidentadas do bairro de São Cristóvão. Ele diminui a velocidade, examinando as fachadas das lojas dos edifícios, como se procurasse por algo. Izadora não ousa perguntar o quê. Talvez ele tenha finalmente admitido que a corrida deles estava condenada ao fracasso?

Sem avisar, ele sai do veículo e chama um menino que está em sua motocicleta em frente a um café. Dá-lhe alguns trocados. Pouco depois, acena para Izadora. Que não entende. Edilson retorna a caminho do veículo, capacete de motociclista à mão.

Então, bora? grita ele.

E lá vão eles, na motocicleta, lançados no túnel André Rebouças, ziguezagueando entre os carros, correndo todos os riscos. Como em um videogame. Buzinas e xingamentos dos motoristas descontentes não atrasam Edilson. Pelo contrário, acelera. Está extasiado feito um torcedor acompanhando o placar: "Na Vila Kennedy, não desistimos!" Izadora acha que o tio de Edilson vai lhe dar um baita sermão quando descobrir onde deixou a sua van. E sua mãe… Sua mãe teria um ataque cardíaco se os visse assim. Mesmo assim, ela se sente segura aninhada nas costas de Edilson, com as mãos em volta da sua cintura. Ela sente que nada poderia acontecer com eles.

Mas na avenida que acompanha a Lagoa, na Zona Sul, perto de onde ficava a Favela Praia do Pinto quarenta anos antes, o patrulhamento da Polícia Militar se multiplica. Edilson deveria ir mais devagar. Izadora não se atreve a lhe dizer. Em seu relógio, ela vê a hora em que deveria estar na frente de sua prova que se aproxima irresistivelmente, a distância entre ela e aquele lugar reduz. Edilson sabe e continua ziguezagueando entre os carros, driblando os semáforos

vermelhos. Não há o que fazer. *Bairro Gávea, Praça Santos Dumont* à vista, estão quase no destino. Uma luz vermelha se aproxima, a Polícia Militar faz soar suas sirenes. Precisam parar.

– Já estávamos quase lá, lamenta Izadora, que tira o capacete.

– Corre, Iza! Edilson ordena, tirando o capacete de suas mãos. O prédio fica do outro lado!

– E você, o que você vai…

– Porra, corra, Iza, corra!

E Izadora corre. Como louca. Acredita escutar a polícia pedindo para ele parar. Não ousa se virar para ver se é fruto de sua imaginação. Não ousa se virar por medo de que o tratamento de Edilson, o tratamento de jovens negros, favelados, lhe quebre as pernas. Isso lhe tira todo o desejo de continuar. Então ela corre ainda mais rápido, a Iza.

EPISÓDIO 3 – SONHOS DESPERTADOS

Junho de 2009. Nesta folha, Izadora lê seu nome. Como uma segunda certidão de nascimento. Ela permanece, por um momento, congelada olhando, sem poder acreditar. Se Fabiana, sua irmã, não estivesse ao seu lado, se não a ouvisse alegrar-se por ela ao telefone – e já fizesse planos com sua mãe para o que estava por vir: "Vai ser um longo caminho desde Vila Kennedy… A tia Lydia não tem um quarto para ela em Santa Teresa?" – ela pensaria que estava sonhando com essa cena. Mas não, ela foi admitida na Universidade.
Quando ela liga para Edilson, ele tem um jeito próprio de se alegrar por ela.
– São eles que têm a sorte de ter você! Não estou preocupado com suas notas. Só espero que seja bem recebida… Essa gente tem o coração seco.

Nó na garganta. É difícil responder qualquer coisa para ele. Vinte e quatro horas sob custódia policial. Por sua culpa. Para que ela pudesse chegar a tempo para o exame – sob o pretexto de direção perigosa, somou-se a isso a recusa insolente de revelar a identidade da garota que saiu correndo na frente da Polícia Militar. E se o Professor Costa não tivesse chegado à delegacia, não tivesse dado alguns telefonemas, aposto que sua estadia ali teria sido bem mais longa.
Essa gente.
Isso é o que também assusta sua mãe. Depois de um momento de lágrimas e euforia, onde viu neste evento um gesto de Providência – *Graças a Deus!* ela repetia – de repente ela temeu por Izadora. Que, por querer mirar muito alto, de repente tudo pode lhes ser tirado. Como o mundo antes de Noé. Ela perguntou ao pastor Eraldo como protegê-los da má sorte. Do olho gordo. Ele disse que oraria por suas filhas. Mas para que funcionasse, ela e Fabiana precisavam vir à igreja com mais frequência. *Como proteger sua casa se não comprar um seguro?* Ouviu a mãe de Izadora dizer. Nesse domingo, ela pagou duas vezes o dízimo.

À noite, na TV, quando Marina Silva, a ex-ministra do Meio Ambiente, e a primeira filha de um seringueiro eleita para o Senado, anuncia sua intenção de deixar o PT, partido de Lula, na mira da próxima eleição presidencial, Fabiana brinca:
– Você vai ver, um dia serei eu em seu lugar!

A mãe de Izadora parecia apavorada. Porém, ela gosta de Marina Silva. Mesmo que não entenda realmente sua luta pelo meio ambiente… Ela continua sendo crente, evangélica, além disso. Uma mulher que compartilha seus valores. Uma mulher com coragem.

– É o Professor Costa que mete essas ideias na sua cabeça? A política estraga as pessoas, decreta ela. Sobretudo pessoas como nós.
Fabiana não disse nada, mas Izadora a sentiu tensa como um arco. Ela entendeu sua revolta silenciosa. Mais tarde, ela se lembraria dessa cena e diria que se sua mãe não tivesse dito aquelas palavras em um tom tão resignado, o resultado teria sido menos trágico.

***

Novembro. Izadora se mudou para um quartinho na casa da tia Lydia, no alto do bairro de Santa Teresa. Santa Teresa? Suas casas coloniais, suas lindas ruas de paralelepípedos, até as favelas são coloridas… É *bacana*, boêmio, segundo seus colegas de faculdade. Boêmio, certamente para os jovens da Zona Sul que montam em um bonde – este falso bonde elétrico amarelo vintage – nos fins de semana para tomar uma bebida com vista para a Baía de Guanabara. Bacana, nem tanto… quando é hora de ir para casa depois da aula à noite. Se Izadora pudesse ir às aulas durante o dia, seria uma história diferente… Mas ela é do turno noturno, dos alunos que trabalham durante o dia, mais velhos, menos classe média alta, menos brancos também…
Izadora se dá bem com os estudantes de sua turma. Eles têm a mesma preocupação. Falam a mesma língua. Com os do outro turno, durante seus trabalhos conjuntos, às vezes é complicado. Eles não compreendem seus desafios. Imaginam que ela ganhou um passe livre. Alguns fantasiam sobre cotas como um bilhete de loteria milagroso que a teria salvo de trabalhar. Cotas que, de acordo com alguns professores, baixariam o nível como uma mistura desagradável que rebaixaria a raça. Ela tem o cuidado de não reagir. Não tem o desejo de compartilhar os detalhes de seu percurso combatente. Por modéstia. Por horror de ter que se justificar.

Fabiana lhe diz que é direito seu estar nesta universidade. Um direito adquirido com muita luta. Pelos mais velhos. *Nada nos será dado*. *Foco. Força. Fé.* Quando ela escuta sua irmã, apesar de seus vestidos floridos e do sorriso que nunca perde, ela às vezes tem a impressão de estar enfrentando o soldado de uma guerra que não diz seu nome. Às vezes gostaria de reencontrar aquela com quem compartilhava as brincadeiras de infância, ensaiava as coreografias do baile funk onde entrava escondida de sua mãe.
Como o turno diurno, Izadora também gostaria de ser leve às vezes. Poder voltar para a casa da tia Lydia sem se perguntar se a Polícia Militar vai impedir as vans de circular. Gostaria de

beber uma caipirinha com os outros nos bares vibrantes da Lapa e depois dançar em uma casa de samba até que a noite se encontrasse com o dia. Ela, Iza, gostaria de se sentir livre.
Ela gostaria de pressionar o botão de avanço rápido às vezes. Acordar uma manhã e ter trinta anos de idade. Ter uma casa própria. Um diploma. Um trabalho. Alguém que a abraçasse. Não pensar mais no amanhã como uma provação a ser enfrentada. Salvar sua mãe dos próprios desejos. Ser uma mulher segura de si. De suas escolhas. Viver, enfim.

***

31 de dezembro. Dia de festa. Os cariocas vestem suas roupas brancas. Mais de um milhão de pessoas rumam para as praias da Zona Sul. Alguns têm flores nas mãos, que atirarão ao mar em homenagem a Iemanjá, protetora dos pescadores e marinheiros, sincretismo dos ritos africanos e das tradições cristãs. Dos morros temos a melhor vista dos fogos de artifício que vão iluminar o céu à meia-noite. Por uma noite, todos recebem a sua parte.
Izadora também vestiu suas roupas leves. Ela deve encontrar Edilson e outros amigos da Vila Kennedy em frente ao Posto 6, no final da praia de Copacabana. Mas a multidão comprime e seu celular não está recebendo chamadas. Ela vagueia por um momento em busca deles. Em seguida ouve uma voz feminina chamá-la. Ela se vira: é Gabriela, uma de suas colegas da faculdade. Uma loira de olhos sorridentes. Muito engraçada para uma garota de São Paulo. Uma das poucas da turma do dia com quem ela se dá bem. Ela não sabe se é por causa do sotaque paulista que soa como aquele da TV, mas quando fala na aula sempre tem a impressão de que fala algo inteligente. Quando ela fala de suas ambições, Izadora pensa: *Ela quer ser jornalista. Eu só quero chegar ao final do ano*. Ela sente ciúme e admiração – de sua voz, de seus cabelos lisos… – ao vê-la se impor sem rodeios.
É com a mesma confiança que ela a leva a uma festa privada na praia. O espaço é delimitado por barreiras nas quais são hasteadas bandeiras de países estrangeiros. As entradas e saídas são controladas pelas pulseiras que são colocadas nos pulsos dos convidados. Gabriela exagera na conivência com os braços grandes que fazem a segurança para que Izadora possa ter direito ao Sésamo. *Estou com meu primo Antonio e uns amigos dele de São Paulo, você vai ver que são super legais!* No bar, um rapaz de cabelos escuros com bochechas rechonchudas com os mesmos olhos risonhos de Gabriela acena para elas. Ao lado dele está outro rapaz magro de olhos claros. Parece o Chico Buarque eternamente jovem nas capas de discos de bossa nova de seu pai. Um Chico Buarque que teria os cabelos cacheados.

Ela não podia dizer o que havia de especial ali, mas encontrou algo nele… Alguma coisa em seu estilo. Ou talvez a maneira como ele olhou ao redor, a maneira como ele olhou para ela… Sim, a maneira como olhou para ela. Izadora gostou da ideia.

Mais alunos se juntam ao grupo enquanto chegam ao bar e dão um abraço em Antonio e seu amigo. Quando Izadora escuta o rapaz falar um português hesitante, ela percebe que ele é estrangeiro. Ela não tem tempo para se perguntar sobre suas origens quando Antonio, em tom jocoso, diz: "*Ele é o Matteo. Ele é da Itália. De Roma. Viveu em todos os lugares*" Matteo sorriu como alguém acostumado a ser apresentado como um pássaro raro. Antes do Brasil, ele já visitou meia dúzia de países em quatro continentes. Em São Paulo, o jovem trabalha em um instituto de línguas, mas seu sonho é fazer filmes. *Ele é bacana, hein*, entusiasma-se Gabriela! *Bacana talvez, mas não muito esperto*: *que ideia se enterrar em São Paulo*, brinca Izadora que não se impressiona tão facilmente. A pequena multidão paulista a vaia gentilmente entre duas explosões de gargalhadas. Na entrada, um tipo diferente de gritos pode ser ouvido.

Por que você está criando problemas, já te disse que só quero falar com a minha amiga e vou embora! exclama uma voz familiar a Izadora. Ela se vira, entre Edilson e o segurança, o tom aumenta. Todos os olhos estão neles. Izadora apressa-se em direção à entrada. Gabriela segue seu exemplo. Ela não hesita em mentir para o segurança para acalmar a situação. *Mas é claro que estão conosco! Nos perdemos de vista na multidão, eu não tinha bateria*! Mas não é o suficiente para persuadir o segurança que quer ver as identidades de Edilson e seus dois amigos. *Por que eu deveria mostrá-las a você? Você é da polícia? E além disso, essa é uma praia pública, não?* O segurança continua tenso em sua posição. Edilson com fogo nos olhos e na voz: *Vamos, Iza, vamos embora, este não é lugar para nós*. Ela permanece sem palavras, incapaz de agir. Nesse ínterim, Antonio e Matteo se juntaram a eles. Um amigo de Edilson com voz amarga: *Deixa, irmão, deixa. Ela encontrou novos amigos*... O outro continua no mesmo tom: *Sim, não vamos atrapalhar "a aluna"*. Finalmente, é Gabriela quem desarma a situação: *Não, mas podemos ir a outro lugar, hein, rapazes? Vamos comprar algumas bebidas e encontrar um lugar na praia para assistirmos juntos aos fogos de artifício, certo?*

***

Meia hora depois, depois de feitas algumas apresentações e algumas cervejas terminadas, o clima é descontraído no grupo recém-formado. Só Edilson parece manter o mau humor que

manifesta abertamente quando Matteo e suas improváveis anedotas de seus primeiros meses no Brasil se tornam o centro da conversa:

– Ah sim, para os gringos, o Brasil é sempre lindo… Caipirinhas, futebol, praia, garotas lindas… Venha para a Vila Kennedy, você vai descobrir outro país.

Matteo argumenta que, num momento em que os Estados Unidos e a Europa estão arcando com as consequências da crise financeira, o Brasil nunca experimentou um boom econômico tão forte, passando da 13ª à 7ª posição no mundo, que o país está bem colocado para organizar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 na esteira… E que milhões de brasileiros foram tirados da pobreza sob o governo Lula. Inédito. Izadora adora ouvir o italiano de olhos claros falar sobre este país desconhecido que leva o mesmo nome que o dela. Que bonito é o Brasil sonhado por Matteo, um país onde tudo daria certo, com terras férteis e subsolos que protegem da miséria, onde o trabalhador analfabeto poderia se tornar presidente, onde a mestiçagem originária de seu povo a protegeria do racismo, e sua cordialidade a protegeria da crueldade dos homens…

– Esse é o país do futuro… zomba Edilson.

Matteo, que não percebeu a ironia dessa frase que se tornou proverbial no Brasil – a de um futuro há muito prometido que nunca aconteceu – se entusiasma:

– Exatamente, o futuro é o Brasil!

E Gabriela, para amenizar o tom da conversa, comenta:

– Eu diria que até no Brasil já estamos no futuro… Olha só aquele ali! Ela ri, apontando para um camelô com óculos de papelão cintilante na ponta do nariz, cuja moldura apresenta os números de 2020. Uma ideia que impulsiona seu negócio: fazemos fila em seu negócio tanto pelas suas caipirinhas, quanto por uma imagem do futuro.

E o pequeno grupo passava a sonhar alto com o que poderia ser 2020: Gabriela ia gostar de ter se tornado jornalista e de ter vivido em Paris. Matteo ia gostar de ter realizado filmes e tê-los visto exibidos em um cinema *d'art et d'essai* em Roma, onde costumava ir quando era adolescente. Os amigos de Edilson sonham com um negócio de sucesso, com carros bonitos, com mesas o ano inteiro nas discotecas chiques de Ipanema e da Barra da Tijuca, de férias na Flórida, na Disney. Izadora aponta para o último andar de um prédio com vista para a praia, onde ela podia se ver vivendo:

– Seria um apartamento grande, um apartamento muito grande… Minha mãe e minha irmã poderiam vir quando quisessem. Elas teriam seu próprio quarto! Izadora vê um brilho estranho, algo quase doloroso, passar pelo olhar de Edilson. Ela não sabe como interpretar.

– E você, Edilson, onde se vê em 2020?

Com a pergunta, Edilson se levanta sem dizer nada. Então, depois de alguns passos, ele se vira e diz com um sorriso forçado nos lábios:
– Vou buscar uns cigarros… Já volto.
Um de seus amigos não tem tempo para lhe dizer que tem algo que o ajude…
Edilson já desapareceu no meio da multidão. Izadora tenta encontrá-lo com os olhos. Em vão.

2020 continua sendo uma utopia. 2010 finalmente é anunciado com o som e as cores dos fogos de artifício. Por um momento, um breve momento, a visão embaçada pela espuma de sua cerveja e por esses corpos bronze, marfim e ébano que avançam juntos em direção ao mar, os pés nessa areia de açúcar mascavo, o rosto voltado para o céu com milhares de faíscas, Izadora quer acreditar que nasceu no lugar mais lindo da Terra. Que o caos nunca prevalecerá sobre a beleza.

Saudades de seu pai.

Então quando a contagem regressiva chega ao fim e todos se abraçam para se desejar o melhor para o ano, melhor, para a próxima década, ela cede ao desejo daquele beijo que tinha em mente desde aquele momento em que Matteo a olhou daquela maneira engraçada. Ela cede aos seus lábios e ao seu olhar, mas cede ainda mais à louca esperança de um futuro do qual Matteo falava que nasce nela, um futuro que só esperava por ela para se concretizar.

***

De manhã, Izadora acorda com uma terrível dor de cabeça, o corpo doendo como se tivesse levado uma surra forte durante a noite. Ela enterra a cabeça no travesseiro, mil imagens se chocam em sua cabeça… Aquela de um sonho, ao mesmo tempo enevoado e estranhamente detalhado, em que acontecimentos surreais e rostos familiares se misturam. Ela sonhava com grandes manifestações no Brasil, com o som de panelas ecoando nas janelas das grandes cidades, com uma mulher eleita presidente destituída ao vivo pela televisão, com a seleção humilhada em casa na Copa do Mundo… Realmente, que imaginação! Izadora se pergunta de onde ela tirou tudo isso… Com os olhos ainda fechados ela apalpa com a mão ao lado da cama. Estranho, ela não reconhece a textura do chão… Ela abre os olhos, para a confirmação do que havia sentido: a cama em que dormia não é a dela. O quarto em que está é desconhecido para ela. A linda renda que ela usa também. Mas onde ela dormiu? Ela vai até a

janela e pisa em um dispositivo no chão. Ela o pega: é um celular. Ou melhor, algum tipo de iPhone. Ela já viu na vitrine de uma daquelas lojas do Shopping Leblon onde as últimas novidades tecnológicas brilham como diamantes, mas esse modelo lhe parece ainda mais liso, mais elegante… Ela aperta um botão ao acaso, e algo incompreensível acontece: é sua foto no papel de parede do celular. E esta data… O que significa esta data? 16 de março de 2020… *Mas que merda é essa!?* ela exclama. Ela sente o coração apertar no peito, um início de pânico a toma. Ela corre para a janela e puxa a longa cortina dupla cujo tecido nobre escorrega por entre seus dedos. É uma enorme sacada com vista para a praia de Copacabana… onde ainda ontem ela comemorava o final da década. E a quem pertence esse reflexo no vidro? Quem é essa garota de cabelos lisos que pegou emprestado o seu rosto?

Uma batida na porta. Izadora se assusta, esconde seu corpo meio despido atrás da cortina. Na porta, uma voz masculina familiar:
– *Amore*, você está acordada…? Gostaria que eu lhe fizesse um café antes de partir para o trabalho? Gostaria de ter ido com você ao hospital… É terrível o que aconteceu com a sua irmã… mas hoje de manhã é complicado na agência…
– Matteo…!? Mas o que você está fazendo aqui? E o que *eu* estou fazendo aqui?